ANO 6.°—N.° 288. Guimarãis, 15 de Agôsto de 1937. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.°-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

E' o cúmulo!

Há dias, um consumidor de pão de trigo veio trazer à nossa Redacção um bocado de bijou que continha uma *completa curisca* de cigarro, com á respectiva mortalha e o respectivo tabaco. E é assim que se cultiva neste mundo o precioso preceito da limpeza. Que o estômago seja envenenado com um *sem número de mixordices*, já todos sabemos que podemos estar sujeitos a isso, mas que êle seja transformado em depósito de tabacos, será de mais!!!

Por hoje não vamos mais longe. E' apenas um aviso e quem avisa amigo é...

Ainda a Tôrre

Vai o verão em mais de meio, escaldante e sêco, e nada há que nos diga que teremos para breve a limpeza das ervas da *Tôrre da Alfândega*, postada mui altaneira em frente da Avenida que da Estação do Caminho de Ferro, conduz ao centro da cidade!

De longe ou perto, olhá-la é uma tristeza e um desgôsto, peor, mas bem peor, que reparar nos «dentes abrasileirados» do Castelo ou no restauro pseudo-*baltazaresco* da Igreja de S. Domingos, de há muito considerada uma boa imitação da sua honónima de Lisboa, logo após o terramoto de 1755.

Oxalá que pessoa menos ligada aos concursos de ervas... cheirosas tome, por sua espontânea iniciativa, a deliberação de acabar com aquele vergonhoso aspecto de muro de quinta abandonada — a bem do nome de Guimarãis.

Dizer bem, dizer mal...

Há pessoas que, durante a vida, não fazem outra coisa senão dar o seu assentimento a tudo, dizer «amém» por tudo e mostrar concordância com tudo.

Felizes — porque à pobreza de espírito não acode qualquer rebate —, ei-las que se impam de importância para ditar suas sentenças ou morder nas consciências alheias.

Assim acontece em determinado sector, onde dizer bem é dizer mal dos outros.

Providências da Autoridade Administrativa

Aquelas *desusadas* dedicatórias transmitidas ao repeitável público pelo Alto-falante do Jardim, que estavam a caír no desagrado de tôda a gente de bem e contra as quais aqui se protestou, foram proïbidas pela digna Autoridade Administrativa, que houve por bem tomar essas providências ao abrigo das atribuïções inerentes ao seu cargo.

Sua ex.ª, procedendo assim, satisfez a vontade da opinião pública e pôs termo a uma *escandaleira* que podia dar margem a sérios desgôstos, tal era a forma como já se abusava do microfone nesse sentido. A digna Autoridade não descurou, portanto, os cuidados de que é merecedora a causa da educação e da moral.

Alguém ficaria descontente, mas paciência. Agora, o mais que podem dedicar é o fado da paixão ao eterno descanso das dedicatórias!

Felicitamos o sr. Administrador do Concelho.

Farpas

A Virgem da Oliveira

De longe vem a fama do seu Santuário. E de tão longe se lhe presta culto que, pelos séculos em fóra, a Virgem da Oliveira foi invocada não só para os milagres de salvação da Pátria, como, também, para a salvação das almas e para a cura dos males que afligem a humanidade.

A Virgem da Oliveira anda ligada às tradições mais lindas da terra vimaranense. A Virgem da Oliveira anda ligada às páginas mais belas da nossa História. Aljubarrota é uma dessas páginas belas em que a flôr da mocidade de então, a célebre e destemida Ala dos Namorados, se lhe consagra em fervor de prece pela bôca santa de Nun'Alvares. Não foi em vão que êsse punhado de valentes portugueses se lhe consagrou, porque a Virgem generosamente o compensou dando-lhe a graça do milagre mais palpável na vitória das armas portuguesas sôbre um inimigo mais numeroso e mais provido de melhor e mais moderno material de guerra.

Manter o culto da Virgem da Oliveira é continuar uma das formosíssimas tradições cristãs do burgo vimaranense, é consagrar à Santa Padroeira um culto tão antigo mas sempre renovado pelas gerações que se sucedem, é reavivar a chama forte da Fé, à luz da qual nos engrandecemos e prosperamos, é aquecer o coração ao calor suave de uma esperança que nos alenta e nos conforta, é suavisar as agruras da vida com o balsamo benéfico e carinhoso que as mãos da Mãi de Deus nos estende, num gesto de caridade e de amor maternal.

Guimarãis não pode esquecer a Virgem da Oliveira, Portugal não pode ignorar a Virgem da Oliveira. E como seria belo, e como seria grandioso, e como seria português se junto da Igreja da Oliveira se repetisse a romagem que, no ano findo, se fez ao Mosteiro da Batalha, de que a Oliveira é uma continuação, senão pela grandiosidade arquitectónica, pela mesma Fé que impulsionou os portugueses de então na luta contra o invasor.

Aljubarrota e Oliveira são dois ramos de uma mesma árvore: — a árvore da Fé, do Patriotismo, do Heroísmo e da Santidade. Sem ela não poderia florir essa flor mística de renúncia e de fervor santo, que desabrochou nos campos de batalha e se manteve pura e imaculada até fenecer, ao dobre dos sinos e orvalhada pelas lágrimas sentidas do Rei e do povo, no Carmo de Lisbôa.

E não teria sido tudo um milagre de Nossa Senhora da Oliveira?

S. João das Caldas,
Dia de Aljubarrota, de 1937. *X. X.*

JOSÉ PINTO RODRIGUES
ADVOGADO
R. Gravador Molarinho, 15
(durante as férias judiciais)

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

A SUA CARTA...

A sua carta, sabe, é alegria
Cantante como um beijo e trestoucada
Como, no grande azul, a cotovia
A espanejar-se à luz duma alvorada!

E diz você, assim: — «Ah! não, não brinco,
«Eu acho-o conservado em carne e ôsso...
«Não tem mais do que trinta ou trinta e cinco,
«E cada vez está mais belo e moço...»

A sua carta tem subtil ferrão
Duma abelha que pica e que se evola,
Que a gente sente, ao lê-la, a sensação
Duma dôr que não doi e que consola...

Você quis ser gentil com êste velho
E vá de chamar-lhe donzel galante...
... E sabe que já fui olhar-me ao 'spelho!...
Ora veja que louco e que pedante!...

Mas, agora me lembro, a sua idade
Regula pela minha... isso regula...
Você nunca perdeu a mocidade,
E' cada vez mais linda, não calcula!...

Eu quanto mais a olho, mais a amo,
Tento fugir de si, mais a procuro...
Depois... quero esquecê-la, e mais a chamo,
—Você há-de ser minha, a mim eu juro...

Seu corpo de boneca, almiscarado,
O meu olhar excita e prende, e tenta,
E deixa-o enlevado, deslumbrado!...
Bendita seja a água de Juventa!...

.....

Só para nós, os dois, aqui, baixinho:
— Meio séc'lo se foi da vida nossa...
... Não vale a pena, não, fazer beicinho,
Você não envelhece, é sempre moça!...

Julho, 30 de 1937.

Delfim de Guimarãis.

Críticas Pequeninas

Entre os maiores Apóstolos do Intercâmbio Luso-Brasileiro, Mendes Correia ocupa um lugar primacial.

O seu precioso livro *Cariocas e Paulistas* demonstra à saciedade o seu vasto poder de observação, a sua largueza de vistas, o desassombro do seu pensar, a erudição profunda e variegada do grande Antropologista.

Foi escrito em 1935 o formoso volume, e a gente maravilha-se de quanto viu e notou o esforçado Apóstolo do Saber.

Tôdas as grandezas e tôdas as misérias do Brasil tiveram quinhão bastante na sinceridade com que o Sábio houve por bem compendiar tudo, referir-se a tudo.

Aquelas trezentas páginas, a encher quinze capítulos, estão tôdas perfumadas do mais carinhoso interêsse, e quem não houve antes conhecido bem a figura gigantesca de Mendes Correia, aprende ali a querer-lhe muito, a estimá-lo enternecidamente.

Grande livro!

Apreciável Prosador!

G.

O desastre do Aguia II

No domingo passado, ao fim da tarde, as emissoras espalharam pelo país a brutalíssima notícia. Num desastre, cujas origens certamente se conservarão para sempre desconhecidas, cinco jóvens, nenhum tendo atingido ainda os 35 anos, acrescentaram o número do já longo martirológio da aviação em Portugal. Sonhos, esperanças, ilusões, vidas perdidas, — umas tragadas pelo mar, epopeia e mortalha de portugueses, outras mutiladas, esfaceladas, reduzidas a miserrimos despojos. Não houve quem não se comovesse com a espantosa tragédia; em todos os peitos bateram, inquietos e desordenados, os corações.

Uma das vítimas, o nossa conterrâneo João de Oliveira Matos, amigo e companheiro nosso, tem, desde há dias, a sua eterna guarida num cemitério de Lisboa.

Bem quisera quem redige estas linhas exprimir a emoção profunda causada pela perda irreparável do companheiro e do amigo lial e dedicadissimo. Impossível: — Não há palavras que a traduzam.

Curioso, ansioso de saber, cultivou o espírito, desenvolveu a inteligência, fêz-se homem, norteado em tôdas as circunstâncias por ideais superiores, por uma firme, resoluta vontade de ser cidadão consciente e útil, de ser homem com marcada personalidade. Todos quantos o conheceram o estimaram e o admiraram, em todos deixou saüdades perenes o seu feitio franco, lhano, jovial. Era um carácter — virtude rara nos tempos que passam. Cultivou como poucos a amisade. Nas horas amargas, nunca faltou àqueles a quem se dedicava com o conselho prudente, a ajuda valiosa, desinteressada, e o estímulo fortalecedor; nas horas de melhor sorte, o triunfo dos amigos era uma glória que festejava como sua própria. Sempre pronto para os maiores sacrifícios, nunca o entibeou o receio das atitudes largas, rasgadas, desempoeiradas.

A's famílias dos desventurados Abel Pessoa, dr. Albano Matos Cid, José Andrade Gonçalves, José Pedroso Barata e, em especial, à de João de Oliveira Matos, todos os que trabalham nesta casa apresentam sentidas condolências.

Mataduras

A pobre beata!

Num auto de fé
tem sorte que mata.

Depois de queimada
foi metida até
no pão, foi assada.

Quando chega o dia
de limpeza haver,
de não se comer
tanta porcaria?

MARY COTTA.

O que há hoje

Solenidades religiosas

Festa anual em honra de N. S.ª da Oliveira Padroeira da Cidade, com missa solene, de manhã, sermão pelo rev. Castelo Branco, às 17 horas e Magestosa Procissão, às 18 horas.

Cinema

Na Parada dos Bombeiros, às 22 horas, com o filme «Revolução de Maio» dedicado à Legião Portuguesa.

SÓCIO

Oferece-se com capital, de preferência para pequena indústria.
Informa esta Redacção. (407)

Música variada...

De desacôrdo em desacôrdo.--Pela última vez

Alguém que concorda com a vedação do jardim — e está no seu plenissimo direito — atribue ao garotio e a mais ninguém a necessidade daquêle recinto público ser vedado. Como justificação argumenta-se com a impossibilidade das pessoas que *não se confundem nem se misturam com o garotio* irem passar um pouco de tempo agradável àquêle lugar.

Procurarei demonstrar que essa razão nada justifica, mas, para já, partamos da hipótese que não havia polícia para exercer a necessária vigilância e que não havia outro meio de evitar as *tais* contrariedades atribuídas ao garotio se não por meio da vedação do jardim.

Pregunta-se: Como é que quem assim pensa ajuíza da medida tomada relativamente a muita gente que não se confunde com o garotio, embora gente muito humilde e tam humilde que não pode pagar a importância da entrada?!...

Uma vez que a vedação se torna extensiva a essas criaturas, que são daquelas que nem fazem parte do garotio nem pertencem ao tal número das pessoas de certa distinção, como compreender o que se faz e o que se passa?

Naturalmente, quem encara a questão sòmente sob aquele aspecto, esquece-se de que além dos extremos existem também os meios. Portanto, a conclusão a tirar da lógica de alguns defensores da vedação é simplesmente a seguinte: Que o jardim deve ser vedado por causa do garotio e para que pessoas de certa distinção ali passem um pouco de tempo agradável. Já está demonstrado que as pessoas que não sejam de certa distinção, isto é, que as pessoas que não estejam dentro dessa categoria nem façam parte do chamado garotio fôram colocadas numa *zona* de inqualificável injustiça, sendo certo que o direito de passarem um pouco de tempo agradável no jardim é o mesmo que têm as pessoas de certa distinção. Independentemente do meu modo de ver, é esta a doutrina e a moral que mais se harmoniza com as afirmações constantes dos superiores representantes da Nação, a quem êste caso — se dêle tivessem conhecimento — deveria causar a mais indignada repulsão, porque se trata de colocar em situação de vil desprêzo quem não é considerado pessoa de certa distinção, muito embora dentro da sua humildade se encontrem as mais apreciáveis virtudes, tôdas essas qualidades que muitas vezes falham em pessoas consideradas de maior representação. Não! Não pode ser!

Quanto ao garotio, também posso provar que não é bem como se pretende *arquitectar:* Quem conhecer as diferentes formas de educação poderá ver que não é só na Escola que se educa. Os factores da educação são a Escola, a família e a via pública e é nesta que muito se pode fazer em prol duma educação sã e perfeita, desde que as pessoas educadas e dotadas dum maior grau de civilização procurem transmitir a sua cultura e a sua educação àquelas pessoas que careçam duma e doutra, visto que o problema da educação não é mais do que o problema da transmissão da cultura. E', pois, a educação que faz um povo e para isso se conseguir é necessário estabelecer um equilibrio entre todos os elementos que possam concorrer para êsse fim, consistindo uma parte importante dêsse equilíbrio em dar às classes mais humildes *a máxima riqueza espiritual dentro da mais perfeita harmonia.* Isto vem a propósito da *guerra* contra o garotio. Não é pela violência nem pelo isolamento que se consegue transformar um *refinado garôto* em bom cidadão. Pelo contrário, o que está aconselhado para se corrigirem os defeitos da rapaziada é o emprêgo de meios suasórios, partindo dos bons conselhos e das amigáveis advertências até à própria convivência. Este processo é o que produz resultados mais satisfatórios, a não ser quando se trate de criaturas de índole tam preversa para as quais só de meios violentos se deverá, então, usar.

E por isso, seria muito mais interessante e até muito mais civilizador habituar o garôto a ser educado e a saber estar dentro do recinto do jardim do que criar nêle o instinto de maior maldade e até o da própria vingança. São crianças, na sua maior parte, e conduzem-se para o bom caminho com a bôa vontade de todos, inclusivamente a das respectivas Autoridades. E tratando-se de crianças, vou reproduzir algumas afirmações de Angelo Vaz, extraídas dum artigo intitulado «As crianças e a República», publicado na antiga Revista «A Aguia», de 15 de Dezembro de 1910. Diz aquêle jornalista o seguinte: «São as crianças que estão em jôgo; são elas, afinal, as que fundamentalmente nos interessam. Por isso poderemos dizer que o gráu de civilização nas sociedades modernas se avalia pelos cuidados e carinhos dedicados às crianças. A' medida que as sociedades vão evolutindo progressivamente, o amor pelas crianças vai engrandecendo-se até atingir a febril preocupação que caracteriza a época actual. A liberdade é a maior amiga das crianças. Quando os povos a conquistam, as crianças beneficiam do seu sôpro vivificante. Ao despotismo corresponde sempre o embrutecimento e o abandôno da infância. Intelectual e moralmente a tirania deprava, intóxica os cérebros infantis. Que a República em Portugal seja sobretudo para elas e, em especial, **para os filhos dos humildes, dos pobres.** As crianças anormais, delinqüentes, requerem cuidados, educação especiais».

Tudo pode ser — e deve ser — suavizado no que respeita ao procedimento com as crianças, bastantes das quais ingressam na chamada classe do garotio exactamente por não se fazer da rua ou da via pública uma verdadeira escola, com barreiras a impedirem o acesso a lugares onde a convivência e a admoestação em termos brandos e conciliadores podem servir de passágem do mau para o bom campo. Como se vê, a vedação dos recintos públicos — salvo muito raras excepções — com o fim de excluír da entrada a gente humilde, desde a criança ao adulto é uma medida que afecta o míster de educar e de civilizar. Todavia, cada um pensará como entender e porque não manifestei a minha opinião para entrar no regime da discussão, é assunto que considero arrumado, dentro do meu primitivo modo de ver.

Amadores FOTOGRÁFICOS

Acabaram-se os insucessos

Não acreditem na vossa inexperiência

O péssimo trabalho de quem se encarregava dos vossos rolos, é na maioria dos casos, a inutilização dos vossos esforços.

Não mais insucessos

Envie-nos o seu rolo, envolto em papel, pelo correio ordinário, e mais 5$00, preço único, em sêlos fiscais ou estampilhas.

Receberá, ràpidamente, na volta, as suas fotos esmaltadas, executadas por artistas hábeis.

Respondemos a qualquer consulta, grátis.

Rolos de tôdas as marcas aos melhores preços. (401)

ALVA

Rua Cidade da Horta, 41 LISBOA

Mania de dizer mal

Afirmou-se que há em Guimarãis a *mania de dizer mal* e isto a pretexto das «Festas de Verão». Puro engano. Não me consta que se tenha dito mal da Comissão dessas Festas, a não ser que se confunda a iniciativa da Comissão com a deliberação da entidade que teve como conseqüência a vedação do jardim. Duas coisas, portanto, muito distintas, tam distintas uma da outra como o branco o é do preto. Entendidos.

Civilização moderna

Pretende-se introduzir em Portugal, começando-se por Guimarãis, um novo processo de civilizar o povo, separando para um lado as pessoas de certa distinção, para outro as pessoas humildes e ainda para outro o garotio. Quere dizer: a restrição de direitos é, segundo a opinião de algumas pessoas, a alavanca com que melhor se pode manejar o aperfeiçoamento da sociedade. Estou mesmo a ver que a vedação do jardim de Guimarãis vai abrir novos horizontes à expansão da civilização, ou a entrada não fôsse proïbida pelo simples facto de ali tocar, de vez em quando, uma

simples banda de música ou em virtude duma banal exibição folclórica!!

Nem tanto ao mar nem tanto à terra

Quem ousar afirmar em *letra redonda* que Guimarãis é uma terra que *bem precisa de ser moralizada* fica sujeito a ser classificado de *maldizente,* porquanto o nível moral da população vimaranense não consente que recaia sôbre si semelhante insisuação. Entre a expressão «*uma terra que bem precisa de ser moralizada*» e a intenção de contribuír para o aperfeiçoamento da moralização há uma diferença sem limites. A isso é que, com verdade, se pode chamar a *mania de dizer mal.*

Uma pregunta

Poderão dizer os defensores da vedação do jardim — que não devem ser muitos — em que terras de Portugal se procede como em Guimarãis, mas em casos iguais àquêle de que se trata?

Assim como terei de esperar pela resposta dos *polemistas* antigos da estrada da Corredoura, assim esperarei por esta.

A ver vamos...

Da última hora

A digna Autoridade Administrativa tomou providências sôbre as ridículas e deprimentes dedicatórias de discos pelo alto-falante do jardim. A sua ex.ª, que não hesitou em atender uma pretensão duma grande parte da opinião pública, os agradecimentos sinceros de tôdas as pessoas a quem repugnavam tam degradantes vestígios do antigo paganismo. Acima de tudo, o prestígio da Autoridade e o devido respeito pela moral e pela educação das pessoas de bem.

Pum.

Gazetilha

Entre outras coisas que tais,
contaram-nos os jornais
uma piada bem bôa
que fez entrar em acção,
e fazer muita prisão
a polícia de Lisboa.

O caso é bem conhecido,
tem sido muito batido
e nisto só se resume:
diz a fiscalização
que misturaram no pão
um pouco de pedra ume.

Cá por mim, já tenho dito
que não é grande delito
essa tam falada história,
e quem o caso estudar
tem mesmo que concordar
com tal obra *meritória.*

E se não, queiram ouvir:
o alumen pode servir
como bom desinfectante,
por isso o nosso *bandulho*
livrava-se do engulho
de qualquer jantar puxante.

Mas além disso, o pãozinho,
tornava-se mais fofinho,
era lindo e alvorado,
muito branca era a farinha,
e assim, por toda a gentinha,
o pão era procurado.

Mais tinha uma qualidade,
autentica novidade
e que o tornava excelente,
além da fome matar
mais nos fazia ' ar,
pois também ra adstríngente.

Sendo o nosso maior *luxo*
o de atentar o bucho,
e creio que nos convinha,
para nós era um achado
ter o estómago atulhado
e com menos comidinha.

E assim, não é verdadeiro
o chamar-se mixordeiro
a quem tal coisa fazia.
Há nome mais a primor,
é chamar-lhe operador,
mas sem meter cirurgia.

Camara Dão.

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarãis,,

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

A primeira duquesa de Bragança

Chamava-se Constança de Noronha e era filha de D. Afonso Henriques, conde de Gijon e Noronha, em Castela, e de D. Isabel, filha bastarda do rei português D. Fernando I.

Aquele D. Afonso era também bastardo de Henrique VIII, de Castela. O seu casamento com D. Isabel efectuou-se em Santarém, na ocasião e para confirmação das pazes entre o rei de Portugal e o de Castela. D. Isabel acompanhou logo o marido para a Espanha. Porém, sendo de pouca idade, por isso o casamento ainda demorou algum tempo a consumar-se. D. Afonso — contam as crónicas — não ficou muito satisfeito com êste matrimónio e tanto assim que esteve prestes a dissolvê-lo, para o que se separou dela algum tempo, mas depois disto, tornou para o sua companhia. Para se separar da mulher dizia que fôra um casamento feito à fôrça.

Este consórcio deu-lhes 10 filhos legítimos e bastardos. Os primeiros usavam o apelido de Noronhas e os segundos o de Enriques (ou Henriques). Portanto D. Constança era filha legítima.

Era irmã do 2.º capitão de Ceuta e conde de Vila Real, por nome Fernando de Noronha, de quem a dita casa promanou com o apelido de Menezes nos primogénitos, por sua mulher D. Brites de Menezes, filha herdeira de Pedro de Menezes, conde de Viana, primeiro capitão de Ceuta; e de D. Sancho de Noronha, conde de Odemira e de D. Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa, e portanto vinha a ser neta paterna, por varonia bastarda, de D. Henrique VIII de Castela e materna daquele dito rei D. Fernando.

Casou em 1420 em primeiras núpcias com o viúvo D. Afonso, bastardo do Mestre de Aviz, D. Joã o1.º rei do nome, e de D. Inês Pires ou Peres, filha do *Borbadão* de Veires, sendo esta melhor solteira e êle professo da Ordem de que era Mestre.

D. Afonso, tendo-lhe morrido a primeira mulher. D. Brites Pereira de Alvim, única filha do famoso e santo condestável D. Nuno Álvares Pereira e de D. Leonor Alvim, sendo êle apenas conde de Barcelos, resolveu contrair segundo matrimónio.

Aquela D. Brites Alvim sucumbira vítima dum parto laborioso, do qual nascera D. Isabel que fôra criada por sua avó materna Iria Gonçalves. O facto dera-se no seu palácio em Chaves, encontrava-se seu pai em Braga.

D. Isabel casou 2 vezes: a 1.ª com seu tio paterno D. João, 4.º condestável, duque de Beja e 10.º grão-mestre da Ordem de S. Tiago da Espada, durante 27 anos, nascido em Santarém em 1400, e tendo falecido em Alcácer do Sal, vítima dum forte ataque de sezões sendo sepultado no convento da Batalha.

As escrituras anti-nupciais foram lavradas em Alcáçovas, sendo-lhe nelas estipulado um avantajado dote em dinheiro e terras, em que entravam as vilas de Colares e Belas.

Dêste casamento nasceram: D. Diogo, o primogénito, que foi o 5.º condestável, nomeado pelo regente D. Pedro, regedor do mestrado de Aviz e sucessor de seu pai no de S. Tiago da Espada tendo falecido com 19 anos em 1489; governou pouco tempo, porque, quando foi nomeado era muito menor, e por isso a mãi foi a sua administradora algum tempo com autorização pontifícia e consentimento régio.

D. Isabel contraiu o segundo consórcio com D. João II, de Castela, tendo-lhe nascido um filho com aquele mesmo nome de D. Diogo que também morreu muito novo, e duas filhas, uma de nome D. Isabel, casada com D. Fernando V, de Navarra e Aragão e que foi o tronco dos *reis católicos,* de Espanha, e a outra D. Filipa, donatária de Almada, que faleceu solteira, a-pesar-do primeiro duque de Bragança D. Afonso desejar que o primogénito do seu primeiro casamento também D. Afonso, conde de Ourém e marquês de Valença, casasse com ela. A progenitora de tôda esta descendência D. Isabel, filha de D. Brites Alvim, faleceu no ano de 1465, em Avaredelho, na Espanha e D. Brites Alvim foi sepultada na igreja do convento de Vila do Conde, onde seu marido costumava passar algumas temporadas, pois da mesma era donatário.

Esteve D. Constança casada quarenta anos e não teve prole.

Enviuvando em 1461 fixou residência no seu palácio de Guimarãis que herdara de seu marido e vestindo-se de freira Terceira de S. Francisco, assim viveu o resto dos seus dias completamente alheada do mundo, como numa clausura monástica, voluntàriamente seqüestrada do convívio da sociedade e sòmente entregue à penitência e oração, em companhia da criada Bracaida e do capelão rev. Martim Alvares.

Decorridos 19 anos de viuvez, faleceu com 76 anos, em 26 de Janeiro de 1480, no palácio que habitava, recebendo jazida na igreja de S. Francisco, da dita hoje cidade de Guimarãis, cuja igreja o duque seu marido mandara restaurar, motivo por que se ostentam no tecto da sua abóbada as armas ducais.

Sôbre o mausoléu da ilustre extinta vê-se a sua figura jacente, envergando o hábito franciscano em que se cingira em vida, com um livro de orações entre mãos, e a seguinte legenda ou epitáfio, em latim. *Hoc deccis Alfonsus, conjuie Constança de Noronha Regia progenie conditur in tumulo.*

* * *

Generosa e boa, dotada dum coração essencialmente piedoso e de sentimentos nobres, teve uma conduta de verdadeira santa, já praticando a mais sublime caridade, numa excessiva amplitude de benemerências protegendo os pobres e famintos a quem socorria com avultadas esmolas dos seus muitos haveres — pois só do noivo recebera 4 mil corôas de arras e do sôgro, o Mestre de Aviz, 18 mil dobras que lhe doou, sendo 4.000 em dinheiro e o restante em propriedades e joias preciosíssimas — já curando os enfermos com umas hervas de medicamentos os efeitos que cuidadosamente cultivava entre as mimosas flores do jardim do seu paço, vulgarmente conhecidas por *hervas da duquesa,* muitos anos ainda depois da sua morte, assim denominadas.

(Continúa)

P.e Alberto Gonçalves.

Orfeão de Guimarãis

A visita a Santo Tirso

Os rapazes do nosso Orfeão foram cantar a Santo Tirso. Para o seu primeiro passeio dêste ano escolheram "a mais linda vila do Minho,, uma terra amiga que ainda há bem poucos dias enviou uma representação a esta cidade. Os componentes do nosso agrupamento orfeónico sabiam antecipadamente que iam ser bem acolhidos, que lhes estava reservado um ambiente de carinho. Por isso mesmo havia contentamento em todos, um grande interêsse em cantar naquela ridente Vila onde certamente iam colhêr mais um triúnfo bem merecido.

A Direcção do Orfeão de Guimarãis teve a subida gentileza de nos convidar para o acompanharmos nêsse passeio. De modo algum nós podiamos deixar de aceitar tão cativante oferecimento que devéras nos sensibilizou, pelo que queremos expressar aqui o nosso mais profundo reconhecimento pela amabilidade de que fomos alvos.

*

Conforme havíamos noticiado, o nosso Orfeão foi no passado domingo dar um sarau de arte a Santo Tirso.

A partida do comboio que nos levou não pôde ser feita à hora da tabela, porque houve necessidade de meter mais carruagens para que coubessem tôdas as pessoas que pretendiam ir. Conhecia-se bem a animação naquela gente tôda que ia cantar, que ia levar a uma terra amiga tôda aquela alegria que enchia os seus peitos de gente môça.

Quando chegamos a Santo Tirso ouviu-se uma girândola de foguetes que anunciava a nossa chegada. Na gare, éramos aguardados por muita gente, vendo-se as bandeiras, do Orfeão de Santo Tirso, Rancho "Flores do Ave,, e Juventude Católica Nun'Alvares. A' saida da estação, já depois de se ter feito a costumada troca de bandeiras entre os dois orfeões, o Rancho "Flores do Ave,, cantou o Hino de Guimarãis. E no meio de entusiásticos vivas, organizou-se o cortejo que era aberto por uma viatura automóvel dos Bombeiros Voluntários Tirsenses, o qual se dirigiu à sede da Junta de Turismo.

Pelo caminho havia muita gente à espera que o cortejo passasse, sendo de interessante efeito a gente que se apinhava ao longo das grades do jardim. Era gente de tôdas as camadas sociais que nos aguardava em todo o percurso, fazendo-se ouvir repetidos vivas ao grupo coral visitante, que correspondia àquela gentileza dando outros àquêles que tam bem os acolhiam. E no meio daquele entusiásmo, todos olhavam para aquela gente que os acarinhava, muito especialmente para as caras bonitas que se faziam representar em larga escala.

E o Rancho, que o público vimaranense tam bem acolheu quando da última vez aqui se exibiu, caminhava firme e aprumado, sendo o exemplo dado por aquelas raparigan tam interessantes, onde havia algumas que se tornaram bem notadas.

*

Quando o cortejo chegou ao Turismo, foram os visitantes recebidos com as provas da maior deferência, tendo o sr. dr. Mário Carneiro, presidente da Câmara Municipal, apresentado os cumprimentos de boas vindas. Seguidamente, o sr. dr. Adriano Fernandes, em nome do Rancho "Flores do Ave,, agradeceu ao Orfeão de Guimarãis a maneira penhorante como recebeu aquele Grupo na nossa cidade, quando da sua visita, e por ocasião das Feiras. Por fim, e em nome do Orfeão de Guimarãis, o director sr. José Soares Moreira, agradeceu o acolhimento feito pela gente da visinha e linda vila de Santo Tirso, lendo o seguinte discurso:

E' com intensa e profunda emoção e profundamente reconhecido pela subida honra que lhes é conferida, que os orfeonistas de Guimarãis se encontram na Séde do Turismo desta bela e hospitaleira Vila.

Quizeram êles, em parte, e, em grande parte, circunstâncias de fôrça maior, que fôsse eu quem, em nome de todos, agradecesse a recepção que nos acaba de ser feita — recepção brilhante, em tudo digna das gloriosas tradições de Santo Tirso — e as palavras amigas, entusiásticas e vibrantes de eloqüência que foram proferidas pelos srs. drs. Mário Carneiro e Adriano Fernandes.

Lamento, mais que ninguém, não poder desempenhar-me cabalmente de tão pesado encargo.

Convenço-me, porém, que os meus mandantes como V. Ex.ª, perdoarão a estas pobres e descoloridas palavras a sua extrema pobreza, atendendo exclusivamente à intenção que as dita.

Aliás, vale mais a sinceridade, quási sempre revelada pela simplicidade, que todos os ouropeis das grandes espectaculosidades, no geral insinceras.

Porém, permiti-me que, em nome da caravana vimaranense, pouco mais vos diga do que um — Muito Obrigado — reconhecido e gratíssimo.

Esse pouco mais é para salientar, em primeiro lugar, quanto a todos nós orgulha e ennobrece o facto de pela 2.ª vez, na sua já longa vida, o Orfeão de Guimarãis visitar esta terra de encantamento, cujos encantos inebriam e cujas graças perduram perenemente na recordação de quantos algum dia a conhecem.

A S. Ex.ª sr. dr. Carneiro Pacheco, ilustre ministro da Educação Nacional, dilecto filho dêste lindo rincão, que muito tem contribuído para a expansão da Arte em Portugal, em especial pelos Grupos Corais. A S. Ex.ª, pois, os nossos agradecimentos com o nosso preito de admiração e com os votos de longa permanência na pasta em que tão boa hora tomou conta.

Em 3.º lugar, porque seria imperdoável esquecê-lo, para pôr em relêvo, com encómio caloroso, a actividade dêste Município, que em relativo pouco tempo dotou Santo Tirso com progressos tais que justificam, de verdade, o título de Rainha das Vilas de Portugal.

Em 4.º lugar, para saúdar — com fraternal, efectuosíssima saúdação — os nossos colegas tirsenses, o Orfeão local, de tão merecido renome artístico.

Ex.mo Senhor

Renovo a V. Ex.ª os agradecimentos de todos os orfeonistas de Guimarãis — e o mesmo é dizê-lo — de todos os vimaranenses, pela maneira afável e acolhedora como fomos recebidos e pelas gentilíssimas palavras que nos foram dirigidas.

Por todos, faço votos fervorosos, sinceríssimos, pelas prosperidades, pelo progresso e engrandecimento de Santo Tirso.

Novamente o cortejo se pôs em marcha, dando uma volta à Praça da República, seguido o que dispersou.

*

Os nossos rapazes espalharam-se pelas ruas da vila, verdadeiramente encantados pela recepção carinhosa que lhes tinha sido feita, lançando olhares para as senhoras que os espreitavam das janelas, como que convidando-as para os irem ôuvir, ão que, graciosíssimas mulheres, e dizemo-lo porque as vimos, lhe corresponderam com amáveis sorrisos.

Juntamente com alguns companheiros tentamos subir ao Monte da Assunção. Os motoristas, receosos a que os obrigassemos a uma demora que não fôsse compensada com o preço do serviço, alegaram ter que fazer para assim se esquivarem à vontade daqueles que pretendiam ver todos os encantos da sua terra. Recorremos então ao Turismo, que está belamente instalado, e que devia servir de modelo a muitas terras que são maiores, onde fomos acolhidos com a máxima gentileza. Por nossa causa o telefone tocou repetidas vezes, mas os garagistas também se souberam desculpar. E muito embora nós reconhecessemos a boa vontade da gente do Turismo em nos ser amável, vimo-nos forçados a desistir, porque não tinhamos tempo, antes de jantar, de requisitar um carro para a nossa terra.

*

No fim de jantar os nossos rapazes não perdoaram o seu cafésito, e depois de o saborearem, cada um por sua parte, foram aparecendo no interessante Teatro Eduardo Brazão, onde iam mostrar como o nosso grupo coral é digno de ser ouvido.

Pouco depois das 10 horas começou o espectáculo. A casa não estava cheia, muito embora o produto liquido revertê-se a favor das obras do Santuário de Nossa Senhora da Assunção, mas o caso explica-se perfeitamente por causa das festas na Póvoa de Varzim, para onde tinham ido famílias inteiras, conforme nos disseram, mas mesmo assim o público era em número apreciável.

Corrido o pano de bôca, apareceu o nosso Orfeão que foi acolhido com uma calorosa salva de palmas. Feito silêncio, o sr. dr. Botelho Moniz, em meia dúzia de palavras, como êle próprio disse, fêz a sua apresentação, focando bem a figura competente do seu Regente, mostrando quem é prof. Filinto Nina.

Deu então início o espectáculo, com a 1.ª parte do programa, couforme já publicamos. O último número, Proposição dos Lusíadas, foi tão frenèticamente aplaudido, e tão insistente o pedido para que fôsse repetido, que, embora a sua execução seja extenuante, os orfeonistas não quizeram deixar de corresponder à maneira como foram apreciados, pelo que o cantaram novamente.

Seguiu-se a 2.ª parte, acto variado, que começou pela "Saúdação,, versos de Aurélio de Barros Martins, recitados pelo seu autor. Veio depois a seguir a "Canção da Tarde,, cantada por Miguel Rodrigues, "Monólogo„ recitado por Rodrigo de Sousa Félix, "A uma Mulher,, canção por A. F. Araújo, "O Coração,, soneto de D. Virginia Vitorino, recitado por D. Georgina de Barros Martins, solos de serrote, por José Soares Moreira, guitarradas por José Soares, José Ribeiro Jorge e A. F. Araújo, tendo êste último cantado o "Fado patriótico,, que o público, entusiasmado, obrigou a repetir. Por último, foram cantados alguns fados por Lucínio Barbosa de Oliveira.

A 3.ª parte foi constituida por "A Anedota,, de Marcelino de Mesquita, que foi belamente interpretada por Miguel Rodrigues, no papel de Director, Rodrigo de Sousa Félix, no papel de Rapaz, e Delfim Mendes no de Criado.

Ia começar a última parte. Todos se sentiram contentes e satisfeitos, o público, porque estava encantado com a maneira como o nosso Orfeão cantava, os rapazes do Orfeão, porque viam bem que os aplausos que lhes eram tributados estavam longe de serem fingidos, pois compreendia-se perfeitamente que eram sinceros, que a exibição feita tinha agradado plenamente.

Subiu o pano pela última vez. Nesse momento entrou no palco a ex.ma sr.ª D. Izaura de Magalhãis Costa, que, em nome do Orfeão de Santo Tirso, colocou na bandeira do nosso uma interessante fita. Ouviu-se uma estrondosa salva de palmas, e seguidamente a ex.ma sr.ª D. Maria José Ferreira de Andrade, em nome do Rancho "Flores do Ave,, ofereceu também uma fita ao nosso Orfeão, que foi colocada na bandeira pela menina Maria Angela Ferreira de Andrade, e ao seu Maestro, prof. Filinto Nina, um lindo ramo de flores, que lhe foi entregue pelo menino Serafim de Mascarenhas.

Nova e calorosa salva de palmas ecoou em tôda a sala, e ainda mal se tinha extintó o seu rumor, os componentes do Rancho "Flores do Ave,, num gesto de simpatia para com os hóspedes da sua linda terra, fizeram-se ouvir, e bem como sempre, cantando novamente o Hino de Guimarãis. Foi então um delírio em tôda a sala de espectáculo, ouvindo-se vivas que eram dados pelos visitantes e pelos visitados. Pouco a pouco o silêncio foi-se fazendo, e então, o Rev. P.e Avelino Borda, em nome da Direcção do nosso Orfeão, num improvisado discurso, agradeceu a manifestação de carinho de que tinham sido alvo, a maneira cativante como tinham sido tratados. As suas palavras foram breves, mas bem frisantes, traduziram bem o sentir de todos aqueles que ali se encontravam.

Deu então início a 4.ª parte do programa. O seu fecho, que era constituido por "Modas do Minho,, rapsódia de Filinto Nina, foi ovacionadissima, e com pedidos para ser bisada, mas os nossos rapazes sentiam-se cansados e não poderam satisfazer a vontade do público que durante todo o espectáculo tanto os tinha aplaudido.

Estava terminado o sarau. Pelos corredores ouviam-se apreciações que nos deixavam satisfeitos, mas também da nossa parte não podiamos regatear agradecimentos à maneira como fomos acolhidos.

TONEIS de 5 pipas

Em bom estado vendem-se três.
Falar com Amadeu Esteves & Irmão.
COVAS — Guimarãis. (406)

VITÓRIA SPORT CLUB

A posse dos novos Corpos Gerentes — Valiosas afirmações — Previsão de um futuro próspero

Na passada quarta-feira, na séde do «Vitória Sport Club», pelas 22,30 horas, teve lugar o acto de posse dos novos corpos directivos daquele importante organismo desportivo, que decorreu num ambiente de entusiásmo e de franco desportivismo.

Reünidos os membros da Comissão Administrativa e os eleitos, assumiu a presidência da sessão o grande amigo do «Vitória» e seu presidente honorário, sr. Amadeu da Costa Carvalho, que, segundo o estatuido, declarou que ia proceder-se ao empossamento dos novos Corpos Gerentes, ordenando a leitura da acta que o director-secretário, sr. António Neves, fêz imediatamente em voz bem timbrada e clara. Em seguida, o sr. Amadeu da Costa Carvalho pronunciou algumas palavras alusivas ao acto, dando relêvo à intima satisfação sentida perante os nomes que ali se encontravam — das pessoas mais gradas no meio vimaranense — e manifestou o seu interessado desejo de ver, em dias breves, o bem norteado progresso do 1.º club desportivo vimaranense, que há uns anos a esta parte vem sendo o mais poderoso agente de propaganda da nossa Terra. E a terminar: «estamos de parabéns, não só os sócios do Club mas, outro-sim, a cidade de Guimarãis». Uma salva de palmas coroou as últimas palavras de sua excelência. Acto continuo, convidou o sr. dr. Américo Durão, na qualidade de novo Presidente da Assembleia Geral, a assumir a presidência daquela sessão, reiterados assim os poderes aos eleitos. Nova e calorosa salva de palmas acolheu a susbstituição, o que levou o sr. dr. Américo Durão a agradecer o benévolo acolhimento que lhe fôra dispensado e manifestar o seu desvelado interêsse pelo desporto, que reputa uma das mais belas escolas de educação e um poderoso factor de ligação entre as diferentes terras. Sente-se bem, por isso, ao serviço desta colectividade — diz —, e espera que a par da cultura fisica seja dado procurar um amparo educativo mais eficaz aos sócios e praticantes do desporto, a bem da consciência directiva. Nova e vibrante ovação se ouviu por espaço de alguns segundos. Feita a chamada dos novos directores, procedeu-se à assinatura da acta, no que tomaram parte várias pessoas presentes. Por último, o sr. dr. José Pinto Rodrigues, presidente-efectivo da nova Direcção tomou o uso da palavra para dizer das aspirações dos novos corpos gerentes, não só enaltecendo o sacrifício das direcções transactas, simbolizadas na pessoa do sr. Amadeu da Costa Carvalho, mas felicitando-se pelo assêrto com que foi elaborada a nova lista onde fulgem nomes como o do muito digno Presidente da Assembleia Geral, sr. dr. Américo Durão. Está convencido, pois, que uma era de prosperidade virá para o glorioso Club vimaranense, já de tradições nobilissimas, confiado como se encontra na meritória acção dos seus cooperadores e do auxilio do público em geral, e das entidades oficiais em particular. Cóngratula-se também com a presença dos srs. drs. José Maria de Castro Ferreira e Alberto Rodrigues Milhão que não se furtaram ao encargo que se lhes solicitou e de quem há muito a esperar, pela posição que ocupam no meio vimaranense e pelo manifesto bairrismo que, em várias emergências, têm demonstrado.

O sr. dr. José Pinto Rodrigues foi muito felicitado pelo seu brilhante discurso.

E assim decorreu o acto de posse dos novos Corpos Gerentes do «Vitória».

Carta da Beira-Mar...

Bota abaixo...

O dia d'ontem foi de festa. Ia ser lançada à água mais uma traineira construída nos nossos estaleiros. Logo de manhã a azafama era grande. Davam-se os últimos retoques na pintura, enchia-se de carvão a fornalha das poderosas máquinas, esticava-se mais um cabo da prôa, um outro da ré que incomodava a passagem dos visitantes. No rio, lembrando-nos os grandes barcos de três mastros que aqui se construíram noutros tempos bem saüdosos, os homens de grandes pás, retiravam a areia para melhor flutuar o barco prestes a deslizar na encebada carreira. Ramalhetada e embandeirada, ostentando no mastro de ré a bandeira nacional e no de prôa o pavilhão exclusivo da empreza da pesca de Matozinhos, faltava entre a enorme ansiedade dos espectadores, a chegada da maré.

A pouco e pouco o cais e as redondezas da nossa poética ribeira, se iam coalhando de gente, tôdas interessadas no bom sucesso do «bota abaixo». Chegam carros, caminhetas, gentis damas que soltando os seus vestidos e cabelos à viragem norte, dão graça infinda ao local marítimo e poesia à margem direita do platinado Cávado.

Nas janelas das casas fronteiriças à doca, comprimem-se em instintiva ansiedade muitas pessoas. Ouvem-se vozes de comando. Os práticos, verberam algumas palavras que nos dão a perceber que o momento tam esperado se fará demorar pouco.

Chega agora, de fato branco, brilhando ainda ao longe os botões amarelos e os galões, o comandante de Porto. Alguns cumprimentos. O barco dos pilotos desvia-se da amurada. A escada de acesso à traineira é retirada. Ouvem-se as últimas marteladas e quando tôda a multidão olhava o soberbo barco, êste, plácidamente descia a carreira, cortando entre palmas e desejos de boa viagem, as águas cristalinas do Cávado. Já no rio rodeada de barcos, a élice começa a sua labuta, fazendo espuma e movendo em marcha cadenciada o pêso monstro que há poucos minutos se conservava altivo, recebendo e por certo ouvindo parabens dos que o foram admirar. E mais algumas manobras, aproado ao norte, lá vai rio abaixo em direcção ao mar, despedindo-se de toda a gente que empunhando os seus lenços dizem o último adeus à tripulação que tantas saudades deixa no coração das nossas moçoilas ribeirinhas.

Já acabado aqui o espectáculo, volta a assumir proporções grandiosas na foz do rio, para onde o povo ávido de espectáculos grandiosos como êste, se desloca ao paredão a mancha é negra de tantas pessoas.

E quando o «Francisco António 3 º» dá início à sua dança com o mar um pouco alterado, a multidão irrompe em delirantes vivas, e diz-lhe: «Deus te guie», «Deus te guie».

E assim foi, soltando a sirene estrondosa que se despedia de Espozende, sulcando as águas do Oceano em direcção ao sul.

Tarde de encanto! Poesia rial que só as terras ribeirinhas nos podem fornecer em paletas duma admirável e inesquecível vivacidade!

Como foi bela esta tarde! Como deixou no coração de todos a traços bem marcados, a grandeza dum cenário tam original, tam marítimo, tam humano, tam comovente e tam retintamente regionalista, que pena é não ser admirado pelos que no interior das serranias morrem sem conhecer a beleza do mar onde nós temos a nossa melhor página da História!...

Espòzende-Agôsto-1937.

Domingos Gomes.

Romaria de Santo Ovídio

FAFE

Realiza-se, hoje, a importante romaria de Santo Ovídio, que se venera na sua ermida do Outeiro do Castro, subúrbios d'aquela vila, aprazível local out'rora habitado pelos povos celtas, lusos ou romanos, como o atestam várias preciosidades arqueológicas que se encontram expostos no relicário da Sociedade Martins Sarmento, desta cidade. Ultimamente, ao fazerem ali uns arruados apareceram fragmentos de louça e duas pedras.

A festa, constará, de missa solene, a grande instrumental, acolitada por dois sacerdotes e sermão pelo brilhante ornamento da tribuna sagrada Rev.º Manuel Domingues Basto (Santa Cruz). A Banda de Golães (bombeiros) dará um concêrto sob a regência de Cândido Mota.

Para comodidade dos romeiros, os comboios ascendentes e descendentes, fazem paragens na passagem de nível.

Francisco Pinto Rodrigues

Advogado

R. Gravador Molarinho — Guimarãis

TELEFONE 172

Grande Excursão de Guimarãis à Póvoa de Varzim

A convite da C. A. da Câmara e a-fim-de trocarem impressões àcêrca da próxima Grande Excursão de Guimarãis à Póvoa de Varzim, a realizar no dia 5 de Setembro, correspondendo ao gentil convite da Câmara daquela Vila, reüniram-se há dias na Câmara os representantes das diversas colectividades vimaranenses e da imprensa, conjuntamente com outras entidades, tendo presidido à reünião o vereador Municipal sr. Lopes de Carvalho, secretariado pelos srs. José Luís de Pina, Luís Cardoso Martins de Menezes e José Fernandes Martins, que representavam, respectivamente, a Junta de Turismo, a Legião Portuguesa e a Associação Comercial e Industrial. O snr. Presidente expôs os fins da reünião e pediu aos presentes se pronunciassem sôbre o assunto, tendo sido apresentados em seguida alguns alvitres. O sr. P.e Carlos Simões de Almeida, em nome do Orfeão de Guimarãis, prometeu prestar todo o apoio da colectividade que representa e lembrou a nomeação de uma comissão de propaganda. Por último ficou constituída uma comissão Executiva para dar início aos trabalhos, sendo a mesma presidida pela C. A. da Câmara e composta dos representantes da Junta de Turismo, Associação Comercial e Industrial, Orfeão de Guimarãis, Associação de Classe dos Empregados do Comércio, Legião Portuguesa, Vitória Sport Club e dos grupos Recreativos de Guimarãis.

A sessão foi encerrada e em seguida reüniram os componentes da comissão acima que trocaram impressões entre si.

A mesma Comissão tem continuado a trabalhar no sentido de fazer realizar com o maior brilho e grande concorrência, a grande excursão desta cidade a qual será acompanhada pela Banda dos B. Voluntários, Orfeão de Guimarãis, um grupo regional, etc.

Em defesa dos Animais

A Direcção da S. P. dos Animais, desta cidade, enviou ao Senhor Presidente da C. A. da Câmara o oficio cuja cópia é a que segue:

Guimarãis, 19 de Julho de 1937.

Ao Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara de GUIMARÃIS

Venho informar V. Ex.a de que os sócios desta colectividade, srs. Manuel Ferreira da Costa e António Ribeiro Cardoso, recorreram ao Fiscal Municipal sr. Albino de Freitas, a-fim-de, nos termos da lei, autoar, por maus tratos aplicados aos animais, as seguintes criaturas: Antónia Cardoso, casada, do lugar de S. Pedro, freguesia de S. Salvador de Briteiros; Maria de Sousa, solteira, serviçal, de 16 anos, creada do Reitor da freguesia de S. João de Ponte; Rosa da Costa Dias, viúva, serviçal, de 37 anos, do lugar de Vila Sêca, freguesia de Donim; Antónia da Silva, casada, lavradeira, de 30 anos, do lugar da Ribeira, freguesia de Brito; Joaquina da Silva, casada, lavradeira, de 40 anos, do lugar do Cabo de Cima, freguesia de Santo Tirso de Prazins; e Maria Ferreira, casada, jornaleira, de 57 anos, do lugar da Tapada, freguesia de S. Clemente de Sande, facto que ocorreu no Mercado das Caldas das Taipas em 19 de Julho corrente.

Mais informo V. Ex.a de que as delinqüentes já haviam sido prevenidas, sendo só à 5.a vez, que se procedeu contra elas, o que se pode provar com algumas praças da Guarda Nacional Republicana, o referido Fiscal Municipal e outras pessoas.

Em face do exposto, esta Direcção vem pedir a V. Ex.a que a importância das citadas trasngressões entre no cofre do Município, não só por ser de inteira justiça, mas ainda porque o contrário colocava os mencionados sócios e Fiscal Municipal numa situação desprimorosa para o exercício das respectivas funções de cada um. Acresce ainda a circunstância de que algumas das argüidas maltrataram os dois dos referidos sócios que foram destacados para o serviço de fiscalização no já referido Mercado das Taipas.

Por tudo isto, se pede justiça.

A bem dos Animais.

O Presidente da Direcção,

(a) *José Alves Machado.*

Hotel da Penha

PREÇOS DAS REFEIÇÕES

Almoços, 15$00; jantares, 17$00, com 10 % para o pessoal e 5 % para Turismo.

Nos baixos do hotel fornecem-se almoços e jantares a 10$00 e 12$00, respectivamente, com 5 % para Turismo. (385)

Aveiro

A todos quantos visitem esta cidade recomenda-se

Pensão Barros

a melhor e que melhor serve.

Largo da Estação. Aveiro. Telefone 617.

da cidade

Painel da semana

O papel que embrulha o pãosinho

Esta história de embrulhar o pão é uma medida higiénica que também é muito capaz de aumentar a porcaria de que êsse alimento nunca está virgem.

Uma dessas mulherzinhas que se põem a pé às horas a que muitos figurões vão para a cama, tem por costume desembrulhar o pão no momento que o distribui aos fregueses, entregando os respectivos papéis a um filho que a acompanha. O moço mete-os no bolso, e como até hoje ainda não apareceu ninguém a protestar, a coisa continua a correr bem.

Ora, sucede que, quando um dêstes dias o rapazote metia a mão ao bolso no intuito de tirar os papéis para os dar à mãi, para que ela os pudesse devolver à padaria, juntamente com êles saíu o lenço de limpar o nariz, que estava num estado que só é vulgar no inverno, quando nos encontramos atacados por uma valente constipação, daquelas de nos fazer tocar clarinete.

Mas nada disto tem importância; o padeiro lucra o papel que serve para muitas vezes, o consumidor ainda não morreu, e mesmo uma creança é sempre limpinha, no dizer do nosso povo.

Excursão de recreio

O Grupo Recreativo «20 Arautos de D. Afonso Henriques» realiza nos dias 15, 16 e 17 dêste mês o seu passeio anual com o seguinte itinerário:

Guimarãis, Felgueiras, Lixa, Amarante, Vila Real, (Almôço), Régua, Lamêgo, Moimenta da Beira, Trancoso, Celorico da Beira, Guarda, (Jantar e dormir), Valhelhas, Manteigas, Serra da Estrela, Gouveia, Mangualde, Vizeu, (Almôço), Tondela, Santa Comba Dão, Mortágua, Luso, Bussaco, Coimbra, (Jantar e dormir), Luso, Anadia, Oliveira do Bairro, Aveiro, (Almôço), Estarreja, Ovar, Espinho, Pôrto, Santo Tirso, Guimarãis, (Jantar na Pensão de Guimarãis).

São componentes do referido Grupo os srs.: Adriano Sampaio Abreu, Manuel Simões Sobral, Sebastião de Freitas, Domingos Alves Machado, João da Costa, José Gonçalves, Vítor da Costa Lima, António Fernandes da Cunha, João Fernandes, Eduardo Ribeiro da Cunha, João Alves Machado, Joaquim Fernandes, Joaquim da Silva, António José Gonçalves, Manuel Machado, Alvaro Gonçalves, João Pereira da Silva, Manuel Fernandes Braga, Joaquim de Almeida, Januário de Almeida, Gaspar Pinto Carreira, José Soares, António Alves Machado, Alfredo de Freitas.

Boa viagem e muita alegria.

Incêndios

Na madrugada de quarta feira manifestou-se incêndio num armazém de produtos químicos da firma Viana Pimenta & C.a, no lugar das Lameiras, freguesia de Creixomil, tendo ali comparecido os bombeiros, polícia e muito povo.

—Também houve, há dias, um principio de incêndio numa casa no largo de S. Francisco.

Crime de morte

No domingo, ao fim da tarde, foi a população da cidade alarmada com a notícia de um crime, praticado pelo sapateiro José Machado Guimarãis, na pessoa de sua mulher Francisca de Jesus Leite, ao qual os jornais diários se referiram já largamente e que foi motivado por desavenças provenientes de dificuldades de vida.

O Machado depois de matar a mulher, cravando-lhe algumas facadas no peito, tentou também suicidar-se.

Concêrto

No Jardim Público, conforme estava anunciado, fêz-se ouvir no domingo a Banda de Vizela, que agradou.

Cinema

Começaram no domingo, na Parada dos Bombeiros, as sessões de cinema ao ar livre.

Sociedade Columbófila de Guimarãis

Esta sociedade reüne em Assembleia Geral, na sua séde, à Rua de Gil Vicente n.º 50, no próximo dia 19, pelas 9 horas da noite, para eleição dos seus Corpos Gerentes para a campanha columbófila do próximo ano.

Estrada de Serzedelo

Chamam a nossa atenção para o deplorável estado em que se encontra a estrada da freguesia de Serzedelo, dêste concelho, a qual, logo que chegue o inverno, ficará absolutamente intransitável, causando desta forma certos embaraços à população da mesma freguesia.

Para o assunto chamamos também a atenção de quem de direito, esperando ver fazer justiça a esta petição.

Novo estabelecimento

Num dos estabelecimentos do Novo Mercado Municipal acaba de ser montada uma asseada Pastelaria que já se encontra a funcionar. Desejamos aos seus proprietários as maiores felicidades.

Liceu Martins Sarmento

Tomou já posse do lugar de contínua dêste Liceu a sr.a D. Glória da Costa Leite.

A' caridade

Recomendamos à caridade dos nossos leitores, a infeliz Luísa Gonçalves, casada, moradora no lugar da Cruz de Pedra (Salgueiral), que se encontra entrevada.

Major António Flores

O nosso prezado amigo sr. António de Quadros Flores, distinto oficial do exército, acaba de ser promovido a Major e colocado no Regimento de Infantaria 10, em Bragança, motivo porque o «Notícias», que muito admira as altas qualidades de inteligência e carácter do brioso militar, o felicita muito sinceramente.

Comemoração solene do 14 de Agôsto

Com a solenidade dos anos anteriores e com a assistência das autoridades civis e militares, mêsas das Irmandades e Ordens, representantes de instituïções associativas e culturais e muitas outras pessoas de representação, colégios, casas de caridade, etc., e muito povo, realizou-se ontem, a expensas da Câmara, junto ao Padrão de N. S. da Vitória, a comemoração patriótica da Batalha de Aljubarrota que constou de missa solene campal, celebrada pelo rev. Pires Quesado, acolitado pelos rev. Alves e António Costa, servindo de mestres de cerimónias os rev. Mgr. João Ribeiro e Cónego Vasconcelos, que durante mais de 30 minutos prendeu a atenção do numeroso e seleto auditório.

Bombeiros Voluntários

Conforme a imprensa anunciou, a reünião da Assembleia Geral para a prestação de contas da Corporação dos B. V. e que devia ter tido lugar em 22 do mês passado, ficou adiado *sine-dia.*

Feiras de S. Gualter

A' nossa redacção veio o sr. António da Rocha, de Gonça, primeiro premiado como expositor de gado cavalar (égua de criação) na Feira Franca de S. Gualter, para declarar que lhe foi recusada a entrega do prémio a que tem direito, por essa importância ter sido aplicada em outros fins.

Boletim Elegante

Pedidos de casamento

Para o nosso bom amigo, sr. Amilcar de Sousa, primo do também nosso bom amigo e conceituado comerciante e industrial sr. Amadeu C. Penafort, foi há dias pedida em casamento a ex.ma sr.a D. Maria Henriqueta Viamonte da Silveira, gentil Dama Vimaranense, filha do falecido Visconde Viamonte da Silveira.

A noiva é possuidora de excelentes dotes e de uma primorosa educação, pertencendo a uma das mais distintas famílias vimaranenses e o noivo, muito conhecido no nosso meio, é dotado das melhores qualidades de actividade.

O casamento realizar-se-á brevemente. Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Nascimento

Teve a sua dèlivrance, *dando à luz, na sua casa dos Pombais, uma menina, a ex.ma Viscondessa de Viamonte da Silveira. Parabéns.*

Baptizados

Na paroquial da Costa baptizou-se, solenemente, um filhinho do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. António Pimenta e de sua ex.ma espôsa, o qual recebeu o nome de Luís.

Foram padrinhor o menino António Pimenta Júnior, irmão do neófito, e a ex.ma sr.a D. Maria Benedita Gonçalves.

Partidas e chegadas

Deram-nos a honra da sua visita os nossos prezadíssimos amigos srs. Conde do Paço Vitorino, José Ferreira de Castro e o nosso ilustre camarada sr. Salvador Braga.

— Com sua família tem estado em Guimarãis o nosso amigo e ilustre conterrâneo sr. António Leite de Castro.

— Esteve entre nós o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Manuel Pina.

— A uso de águas partiu para Caldelas o nosso prezado amigo sr. Joaquim Teixeira.

— Com sua espôsa e filho regressou da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. António da Silva Martinho.

— Partiu para a mesma Praia as famílias dos nossos amigos srs. dr. Mário Dias Pinto de Castro, Agostinho e João Dias Pinto de Castro, e o laureado académico sr. Joaquim Manuel Pereira Mendes.

— Regressou da Figueira da Foz, com sua ex.ma espôsa e filhos o nosso prezado amigo sr. Antero H. da Silva.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. António Faria Martins.

— Com sua família partiu para as suas propriedades de Souto o nosso bom amigo e ilustre Advogado sr. dr. António do Amaral.

— Para o Pôrto, a góso de férias, partin o ilustre professor e Maestro sr. Filinto Nina.

— Vimos nesta cidade o sr. dr. Alfredo Pinto, nosso bom amigo e ilustre director clínico do estabelecimento Termal de Vizela.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Capitão Duarte Fraga.

— Com sua família partiu para a mesma Praia o nosso bom amigo sr. Alberto Carlos Abreu.

— Com sua espôsa encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Manuel Marques.

— Também se encontra com sua família, na mesma praia, o nosso prezado amigo e conceituado industrial, sr. Françisco Pereira Quintas.

Doentes

Encontra-se já restabelecido, com o que muito folgamos, o nosso prezado amigo sr. Bernardino Jordão.

— Tem estado muito doentinha uma filha do nosso prezado amigo sr. dr. Jerónimo Rocha.

— Continua gravemente enfermo o rev. Francisco Leite de Faria. Desejamos as rápidas melhoras dos doentes.

Aniversários natalícios

Fêz ontem anos o interessante menino José, filhinho do nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima.

— No dia 11 fêz anos a nossa gentil patrícia ex.ma sr.a D. Albina de Quadros Flores. Parabéns.

Dos Livros. Dos Jornais.

Portugal, a Aliança Inglêsa e a Guerra de Espanha (*o pensamento de* **Salazar** — Impresso na Editorial Império, Ltd., de Lisboa, e editado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, temos em nosso poder um bem apresentado opúsculo que encerra o discurso proferido pelo snr. Dr. Oliveira Salazar em 6 de Julho p. p., a quando da visita dos oficiais de Terra e Mar que foram felicitá-lo pelo malôgro do atentado contra êle perpetrado. Neste documento explica S. Ex.a a atitude de Portugal com respeito à Guerra de Espanha e esclarece por completo que «a Aliança com a Inglaterra subsiste e Portugal continua-lhe fiel mas não pode abdicar do seu direito de divergir de qualquer processo político que afecte os seus interêsses vitais, por isso mesmo que aquêle pacto de vantadem mútua é estabelecido entre dois países igualmente livres e independentes».

A Nova Alemanha — *Revista de Propaganda da obra do Terceiro Reich* — Sob a direcção redactorial e técnica dos srs. Dr. G. Kurt Johannsen e Alfred Gerberding, publica-se em Hamburgo uma revista de propaganda da obra de Terceiro Reich, profusamente ilustrada e onde colaboram nomes como os de Dr. Joseph Goebbels, ministro de Propaganda da Alemanha, Prof. Dr. Rodolfo Grossman, director do Instituto Ibero-Americano de Hamburg, Prof. Dr. P. Mühlens, director do Instituto de Medicina e Higiene Tropical de Hamburgo, que nos descreve dos benefícios recebidos pelo povo alemão sob a égide do seu novo regimen político. O presente número, 3.º da série, foi editado expressamente para Portugal e Sul da América, inserindo um artigo dedicado ao nosso País e que se intitula — *Alemanha e Portugal.* A capa é um artistico desenho de C zur Linde que valoriza de sobremodo esta revista.

O Estado Novo — *principios e realizações* — Editado pelo Secretariado de Propaganda Nacional temos presente um folheto de propaganda em que se definem os principios que presidem à renovação portuguesa e em que se objectiva uma nova concepção do Estado, tudo baseado nos grandes princípios do Estado Novo que estão inscritos na Contituïção Política de 1933 Divide se êste trabalho nos seguintes capítulos: *os Princípios, Politica Financeira, Politica Económica, Politica Corporativa, Politica da Ordem, Politica da Educação, Politica Militar, Politica Internacional e Politica Imperial.* Entendemos ser um bom elucidário para o estudo do novo ideário político e do problema português.

Templos, Cruzeiros e Alminhas — *direcção literária e artistica de Francisco dos Santos Viegas* — Esta obra monumental, profusamente ilustrada e colaborada por preclaros membros do clero português e por eminentes escritores e artistas, edição do *Gabinete dos Estudos Urbanos e Rurais,* da Figueira da Foz, Rua da República n.º 82, iniciou a sua publicação no pretérito mês, sob o patrocínio de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e do venerando Episcopado Português. Os 2 fascículos enviados, e que constituem o 1.º Tomo, satisfazem não só pelo aspecto gráfico mas também pela beleza do prefácio, em verdade escrito para eleitos — «almas cheias de sensibilidade que olham ternas e saüdosas os monumentos, ainda os mais humildes». Em seguida, principiam as descrições dos monumentos existentes na Figueira da Foz e suas Frèguesias, com tôdas as anotações históricas devidas e transcrições relativas às informações enviadas pelos párocos, devendo-se salientar a memória que, em 23 de Maio de 1721, escreveu o Rev.º Padre Melchior dos Reis. E' na verdade uma valiosa publicação e que merece o auxílio dos estudiosos, em particular, e do público em geral.

Agradecemos os exemplares enviados e a gentileza da oferta.

L. C.

desporto

A época de 1936-37 e a acção do Vitória Sport Club

Novamente, finda a época 1936-37, a actividade do Vitória Sport Club nos merece a atenção de lhe dedicarmos um amplo estudo, sôbre a acção de todo o período compreendido entre 1 de Setembro de 1936 e 15 de Julho do corrente ano.

Não vamos descrever os momentos felizes, as ocasiões festivas, nem o alanceamento doloroso dos instantes de desventura. Tôdas essas manifestações de alegria e pesar são passageiras e infrutíferas, actos espontâneos, fugazes, atinentes a um momento cuja lembrança se atenua com o tempo até ao desaparecimento total. Nada resultam. Interessa-nos sòmente para a nossa qualidade de crítico, a acção desenvolvida, o valor dos resultados conseguidos. Através dêles se pode avaliar com justeza o mérito de tôda a época e, a análise a fazer, estriba-se em dados seguros, onde a apreciação se sustenta em bases fundamentais, de sólido apoio e firme segurança.

Indagando entre a assistência a um desafio de futebol, nota-se em geral que a opinião dispendida pela maioria é mais firmada em algum pormenor sensibilizante, do que no valor técnico da partida: Uma estirada valente dum guarda-redes, um «goal» conseguido em virtude dum pontapé estupendo, são casos que mais fundo susceptibilizam o espectador, a ponto de o fazer esquecer a acção em conjunto e a qualidade do jôgo desenvolvido.

Longe portanto dos momentos febris das disputas máximas, e tendo por motivo de descrição o apanhado geral de todos os jogos, a segurança do critério a dispender torna-se compreensível porque desapareceu já a influência de particularidades ocorridas a vedar as faculdades de percepção, tantas vezes discordes da opinião expressa pela crítica. Da fria explanação dos números, as opiniões unificam-se, agregando os sentidos esparsos por eventualidades ocasionais, sugerindo diferenças de critérios. Aos olhos de todos, o valor da actividade total durante um período, observada depois dêle terminado, identifica-se mais com a verdade porque já afastada está a obcecação do entendimento pela febricidade apaixonada das competições renhidas.

O valor portanto da crítica final duma época, é salutar e benéfica, concerta as opiniões dispares, apresenta em face dos resultados considerações facultativas de incitar energias amodorradas pela apatia, adormecidas à sombra dos louros colhidos, sem atender ao estado de saúde do seu tronco, base da fronde a cuja sombra tantas alegrias se têm disfrutado, digno todavia de cuidados constantes, para que a sua existência não perigue e não deixe mais de fornecer ensejo aos vimaranenses de orgulhos e satisfações, que ufanosamente têm difundido às mãos largas da fartura.

O Vitória Sport Club merece contudo as dedicações de todos, porque tem sido o expansor mais categorizado do nome da sua terra. E' o agente de propaganda mais qualificado e aquele que mais tem atraído sôbre Guimarãis maior número de atenções, fazendo conhecer em mais dilatada amplidão a terra da sua naturalidade.

Desnecessário se torna aqui encarecer a importância moral e material da propaganda citadina e as conseqüências resultantes são para a terra, produto de benefícios que se traduzem em concludentes motivos de lucros. O inter-cambio desportivo alimentado por visitas recíprocas, são o veículo que conduz a conhecimentos úteis, afluentes da formação mental do indivíduo pelo contacto com ambientes diferentes, onde a colheita de ensinamentos é ilucidativa pelo contraste de *visu* presenceado. Bem sabemos quão pernicioso é o caracter criado em meios tacanhos sem possível convivência com outros dessimilhantes, origem sempre de espíritos onde mais fàcilmente impera a hipocrisia do que a franqueza, a dessimulação em vez da sinceridade, incapazes de alcançarem o plano elevado duma ideia superior, quando, pela sua grandeza e amplitude, possa brigar com interesses individuais sempre para êsses espíritos, mais respeitosos do que o bem a repartir pelo maior número. Quanto mais espalhado fôr o conhecimento do homem, quanto maior fôr o volume do seu saber, mais humano, mais justo e tolerante se torna.

A vida, como as ideias, não existe sòmente no pequeno palmo de terra que habitamos, espalha-se por todo o orbe onde o bafejo humano subsiste, ganhando em diversidade pela adaptação concernente ao meio da luta para viver.

Há pouco ainda os asilos dependentes da Assistência Pública, foram, por disposição superior, alterados no sentido educativo a ministrar aos beneficiados. A educação recebida brigara com a vida real em toda a variedade de direcção, quer moral, social ou física. Indivíduos dos dois sexos lançados ao mundo, na idade propicia de ganharem o alimento necessário, armados contudo de princípios gerais teóricos, perdem-se no tumulto da existência, desorientados, cegos pelo brilho atraente das veredas da dissolução, afastados do seu conhecimento, pela restrição do meio em que foram criados desconhecendo-lhes porisso os seus perigos e as maneiras de defesa. Socialmente separados do convívio, ressentem-se mais tarde dêsse isolamento. Físicamente a sua educação é absolutamente nula e ignorada.

Bem de perto sabem os vimaranenses, a necessidade dessa disposição superintendente da Assistência Pública.

(Continua).

Almeida Ferreira.

INTERCAMBIO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO

A Biblioteca Central de Educação, do Rio de Janeiro, que faz parte da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo, da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, superintende nas bibliotecas escolares e exerce intensa actividade com o fim de activar o intercâmbio bibliográfico com os diferentes países.

Ao iniciar uma série de Exposições bibliográficas com os elementos que possue e que lhe são enviados, deu o primeira lugar a Portugal, como alta manifestação da amizade que liga os dois países do mesma língua. A 26 de Maio dêste ano abriu-se a Exposição de livros portugueses, para a qual as entidades oficiais, as emprêsas editoras e particulares enviaram obras. Durou até 16 de Junho e ali fôram solenemente as autoridades do ensino brasileiro, o Embaixador de Portugal e as autoridades consulares.

Seguem-se-lhe as Exposições do livro argentino, inglês, norte-americano, etc.

Esta manifestação de cultura e a importância do organismo que a promove é de particular interêsse para o nosso país, em virtude dos íntimos laços que nos prendem à grande Nação brasileira onde centenas de milhares de Portugueses labutam e onde nos importa manter o prestigio da mentalidade Portuguesa.

E', por êsse motivo, de todo o interêsse que continuem a ser enviadas à referida Biblioteca as obras e publicações portuguesas, correspondendo ao apêlo e diligências feitas pela sua prestante direcção. As remessas deverão ser feitas com o endereço seguinte: «Biblioteca Central de Educação — Caixa Postal 1702, Rio de Janeiro D. F., Brasil».

A mesma Biblioteca, convidou o eminente professor de Antropologia da Universidade do Pôrto, Dr. Mendes Correia, a fazer uma conferência no ***auditorium*** da Rádio Nacional, para a qual o mesmo professor escolheu o tema de «Europeus e Africanos na Etnologia Brasileira». Efectuou-se a 26 de Maio, com assistência oficial e de personalidades de alta representação social e do mundo das ciências, tendo a apresentação sido feita pelo Dr. Armando de Campos, ilustre Chefe da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo.

S. C. de Lordelo

De novo êste club se encontrou, para desafio de desforra, com o grupo da vizinha freguesia de Guardizela, S. C. de Santa Luzia. O resultado — 6-1 — a favor dêste último, de modo algum pode exprimir o valor das duas «equipes», tendo sido muito mais lógico e natural que os dois agrupamentos ou empatassem ou realizassem um desafio, cujo resultado numérico fôsse muito aproximadamente idêntico, ou com uma leve oscilação a favor de qualquer dêles.

Dizemos isto e os factos o comprovam. Se não fôra a inconveniente e pouco desportiva violência do grupo de Santa Luzia, que aos 37 minutos da jogada inicial já tinha dado como resultado estarem feridos e incapacitados de jogar 4 dos melhores rapazes de Lordelo, o resultado seria muito outro, como é evidente.

Há uma diferença de pontos entre o primeiro e êste desafio, que nada quere dizer.

E' certo que nos pareceu que o grupo de Santa Luzia esteve desta vez mais senhor da técnica, aproveitando melhor as jogadas do que no primeiro encontro. Não se trata, porém, duma superioridade esmagadora, e futuros encontros o atestarão...

O S. C. de Lordelo teve uma tarde infeliz, principalmente no número de jogadores que, a breve tempo, tinha inutilizados. Manteve contudo o aprumo e espírito necessários para formar os créditos de disciplinado e em em boa forma — sem recorrer ao jôgo violento do adversário, dominado pelo pensamento de se vingar ou de não fazer desporto.

Arbitraram: Manuel de Sousa e Henrique de Abreu.

A assistência, que vai sucessivamente aumentando, interessando-se pelo resultado e pelo decorrer do encontro, era numerosíssima.

Fazemos os melhores votos pelos progressos dos dois clubs, bem merecedores do interêsse que nas suas freguesias e nas vizinhas estão despertando.

Particularmente, pelo Club de Lordelo manifestamos uma sincera simpatia — que nos não deixa ser parciais, entenda-se — visto êle ser constituído por rapazes na sua maior parte sem recursos materiais, entregues principalmente à sua fôrça de vontade e ao desejo de que a sua Terra marque em todos os sectores da vida social e de relações para com as vizinhas freguesias.

Muito bem e ávante por Lordelo!

C.

Telha — PENAFORT
Cimento — PENAFORT
Canalizações — PENAFORT
Bombas — PENAFORT
Motôres — PENAFORT

Bom pêso — Boa conta — Boa medida
Preços em conformidade

Queira pedir: (399)

UM ZÉRO DOIS
1 0 2

e, ... se não estiver a falar, receberêmos as suas ordens

Rua de Paio Galvão

GUIMARÃIS

Casa dos Pobres

Movimento durante o mês de Julho de 1937:

Subsídio em dinheiro a 149 pobres, 3.952$50.

Subsídio em dinheiro para renda de casa a 123 pobres, 2.093$50.

Albergue — Pernoitaram 120.

Subsídio para transporte aos Inválidos, escudos 10$00.

Refeições fornecidas a Pobres — Sôpas, 9300; Pãis, 9300; Pratos, 1.040; copos de vinho, 155.

Barbearia — Barbas, 581; corte de cabelos, 137.

Balneário — Banhos, 1348; com despiolhamento, 30.

Vestuário fornecido — Casacos, 1; Calças, 3; Camisas, 4; Ceroulas, 2; Bluzas, 4; Saias, 3.

Cozinha Económica — Refeições fornecidas a operários — Sôpas, 2.394; Pãis, 2.521; Pratos, 2.995; Copos de vinho, 1.007.

Refeições fornecidas aos presos da cadeia, 737.

Minha Senhora:

As suas jóias antigas não condizem com as suas modernas toilettes.

Na praia, nas termas, no casino, no hotel luxuoso, só uma jóia moderna dará realce à sua distinção.

Uma jóia antiquada destoará, lamentàvelmente, do modernismo dos seus vestidos, do seu penteado, da côr das suas unhas...

A muito antiga OURIVESARIA ANCORA gostosamente lhe fornecerá os mais modernos desenhos e orçamentos para a transformação das suas jóias, sem compromisso algum para V. Ex.ª.

(296)

Ourivesaria Ancora
Fundada há 35 anos
Rua 31 de Janeiro, 21 a 25
Telefone. 6078 **PORTO**

Fiscalização dos maus tratos nos animais

Embora ainda se encontre no século XX quem entenda que não há razão para dispensar grandes cuidados aos Animais, e pensam desta forma algumas pessoas que usam gravata e cabelos perfumados, outras pessoas há — e algumas bem humildes — que pensam o contrário. Ao número destas pertencem tôdas aquelas que estão integradas no fim humanitário e civilizador das Sociedades Protectoras dos Animais, colectividades que existem para proteger os seres inferiores, estendendo essa protecção até às plantas. Portanto, as S. P. A. desempenham um papel simpático, pois é por meio delas — não só em Portugal como em muitos outros países onde existem — que muitos maus tratos aos Animais e às plantas se evitam. Em Guimarãis, onde também há uma das colectividades referidas, mais do que nunca a respectiva Direcção tem procurado evitar a aplicação dêsses maus tratos, para o que tem intensificado a sua fiscalização, não só dentro da cidade, como ainda nos mercados de Vizela e Taipas. E' sobretudo nesta última povoação que o povo se tem mostrado mais rebelde relativamente ao acatamento das leis que regulam a protecção que aos animais deve ser dispensada. Não é de estranhar que esta circunstância se verifique na chamada gente do povo, cujo grau de cultura não é o suficiente para compreender a gravidade da indiferença para com as torturas de que são vítimas muitos animais. E' de estranhar, sim, a atitude de certas pessoas que reclamam para si consideração e respeito, censurando ao mesmo tempo o procedimento de quem defende os Animais da *ferocidade* humana e, mais ainda, procurando junto das Autoridades inutilizar o que é feito ao abrigo da humanidade e da lei. Não pode ser e torna-se necessário desmascarar essas *boas* pessoas, apontando os seus nomes à opinião pública como inimigos dos Animais e, portanto, inimigos do sentimento humano, da Caridade, da Civilização e das próprias leis dimanadas dos Poderes Públicos. De futuro, assim será: Quem proteger as pessoas que maltratem os Animais será apontado como tal.

Não deve, por isso, desanimar a Direcção da Colectividade em referência, tanto mais que me parece poder contar com o auxílio das Autoridades competentes, os Ex.mos Administrador do Concelho e Chefe da Esquadra da P. S. P. Suas ex.as não transigem com a barbaridade.

*

Banco de Barcelos
Fundado em 1875

Agência de Guimarãis
Largo do Toural
(Instalações da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JÚNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos. (249)
Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES { BARCELOS N.º 31 / GUIMARÃIS » 60

CARVÕES

CARDIF de Caldeira
FORJA
COZINHA (402)

à descarga do vapor "HERTA„

Consultem os importadores

G. Leal & C.ª L.da

Rua Nova da Alfândega, 76-1.º — Telef. Dois Nove Dois — **Pôrto**

Underwood

Cinco milhões de máquinas de escrever em uso no mundo inteiro. A Fábrica UNDERWOOD é a maior fábrica de máquinas de escrever do mundo. -:- -:- -:- -:-
O que cinco milhões de clientes acharam bom, deve merecer a atenção daqueles que pretendam adquirir uma máquina de escrever, pois está comprovada a superioridade da UNDERWOOD sôbre qualquer outra marca.

VENDAS A PRESTAÇÕES MENSAIS (279)

Agente em Guimarãis: GOMES ALVES.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Falecimento

Faleceu no domingo o antigo guarda-fios, sr. José de Castro Júnior, muito estimado no nosso meio, cujo funeral foi muito concorrido.

Cónego José Maria Gomes

Comemorando mais um aniversário do falecimento do saudosissimo Cónego José Maria Gomes, o rev. Artur Fernandes Gnimarãis celebrou uma missa, na quarta-feira, no templo da Misericórdia, acto a que assistiram várias pessoas.

De luto

Pelo falecimento de seu cunhado, o sr. João de Oliveira Matos, ocorrido no desastre de aviação do último domingo, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Custódio Vila Nova Guimarãis, a quem apresentamos condolências.

Internato Académico
anexo ao
Liceu Martins Sarmento

Telefone: 139 **GUIMARÃIS** Telefone: 139

O mais antigo, amplo e confortável **Internato Liceal,** cujo rèclamo é feito pelos próprios alunos.

Instrução Primária com preparação para os exames de admissão aos liceus.

Instrução Secundária com todos os alunos matriculados no Liceu instalado no mesmo edifício.

Instrução Moral e Religiosa com os respectivos cursos de cultura.

Modicidade de Preços. **Enviam-se prospectos a quem os pedir.**

Directores { *Mons. José Maria da Silva* / *Padre José Carlos Simões de Almeida* / *Padre Gaspar Nunes* / *Manuel da Costa Pedrosa.*

MARCA REGISTADA

A BRASILEIRA
Casa especial de café do Brasil e Pastelaria
61, Rua de Sá da Bandeira, 91
Telefones 379 e 405
PORTO

Vende-o em Guimarãis:
Francisco Joaquim de Freitas & Genro
(216) **Praça D. Afonso Henriques, 70**

D. Luísa Margaride

No templo da V. O. T. do Carmo celebrou-se na segunda-feira uma missa por alma da bondosa senhora D. Luísa Cardoso Martins de Menezes (Margaride) comemorando o 1.º aniversário do seu falecimento. Ao acto assistiram a família dorida e muitas pessoas das suas relações, instituições beneficentes e representantes de diversas corporações, etc.

Missa do 7.º dia

No templo da Misericórdia celebrou-se na quarta-feira a missa do 7.º dia por alma da sr.ª D. Ana Adelaide Ribeiro Martins da Costa (Aldão) acto que teve a assistência da família dorida e de muitas pessoas das suas relações.

OMNIA RÁDIO

Reparações em tôdas as marcas de Rádio-receptores, amplificadores, emissores.
ORÇAMENTOS.
Verificação de valvulas e consultas grátis.

Rocha Saraiva
TÉCNICO DA ARMADA
Ex-chefe do Service Philips no Norte.
Amador Emissor CTIJS.
Rua Fernandes Tomás, 971 (à Trindade)
TELEFONE, 7992
PORTO
(344)